



SENADO FEDERAL
SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
SUBSECRETARIA DE PESQUISA E OPINIÃO PÚBLICA

RELATÓRIO DE PESQUISA — SEPO 03/2005

Violência Doméstica Contra a Mulher

Brasília, março de 2005



SENADO FEDERAL

SUBSECRETARIA DE PESQUISA E OPINIÃO PÚBLICA

RELATÓRIO DE PESQUISA

Violência Doméstica Contra a Mulher

Brasília, março de 2005



SENADO FEDERAL

SUBSECRETARIA DE PESQUISA E OPINIÃO PÚBLICA

As Nações Unidas definem violência contra a mulher como:

"Qualquer ato de violência baseado na diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade seja na vida pública ou privada".

(Conselho Social e Econômico, Nações Unidas, 1992).



RELATÓRIO DE PESQUISA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

APRESENTAÇÃO

Dentre todos os tipos de violência contra a mulher, existentes no mundo, aquela praticada no ambiente familiar é uma das mais cruéis e perversas. O lar, identificado como local acolhedor e de conforto passa a ser, nestes casos, um ambiente de perigo contínuo que resulta num estado de medo e ansiedade permanentes. Envoltos no emaranhado de emoções e relações afetivas, a violência doméstica contra a mulher se mantém, até hoje, como uma sombra em nossa sociedade.

Em busca de novas informações sobre este tema, a presente pesquisa inova ao se voltar exclusivamente para o ambiente doméstico, ao tratar da violência contra a mulher. Dentre seus principais objetivos, pode-se destacar o papel das legislações específicas sobre o assunto e a importância da discussão deste pelo Parlamento brasileiro, em especial o Senado Federal. Procurou-se identificar também qual a percepção das entrevistadas sobre a discriminação



feminina na sociedade e a tipificação da violência doméstica cometida contra as mulheres.

METODOLOGIA

UNIVERSO

O universo da pesquisa foi formado por mulheres com 16 anos ou mais residentes nas 27 capitais brasileiras, totalizando 16.433.682 mulheres de acordo com o IBGE Censo 2000 (anexo 1).

AMOSTRA E CONFIABILIDADE

Do total do universo, a pesquisa telefônica entrevistou 815 mulheres com 16 anos ou mais. A amostragem foi implementada por cotas proporcionais, sendo cada uma das 27 capitais uma cota. A quantidade de entrevistas é proporcional à quantidade de mulheres em cada capital, de modo que as maiores participem com maior quantidade de entrevistas (anexo 1).

Os parâmetros utilizados para o cálculo do tamanho da amostra foram: a quantidade de mulheres em cada cota, a margem de erro de 3,5% e o nível de confiança de 5%, o que permite a construção de intervalos de confiança de 95%.

A seleção dos números telefônicos obedeceu ao critério de sorteio aleatório em múltiplas etapas. Inicialmente, selecionou-se de forma aleatória os prefixos telefônicos existentes em cada capital, a partir da base de dados fornecida pela ANATEL e, posteriormente, processou-se o sorteio aleatório dos números finais de complemento.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A pesquisa utilizou questionário estruturado com perguntas fechadas, sendo que 20 questões tratavam especificamente sobre assuntos relativos à violência doméstica contra a mulher e 5 questões traçavam o perfil da entrevistada.



FILTRAGEM E FISCALIZAÇÃO

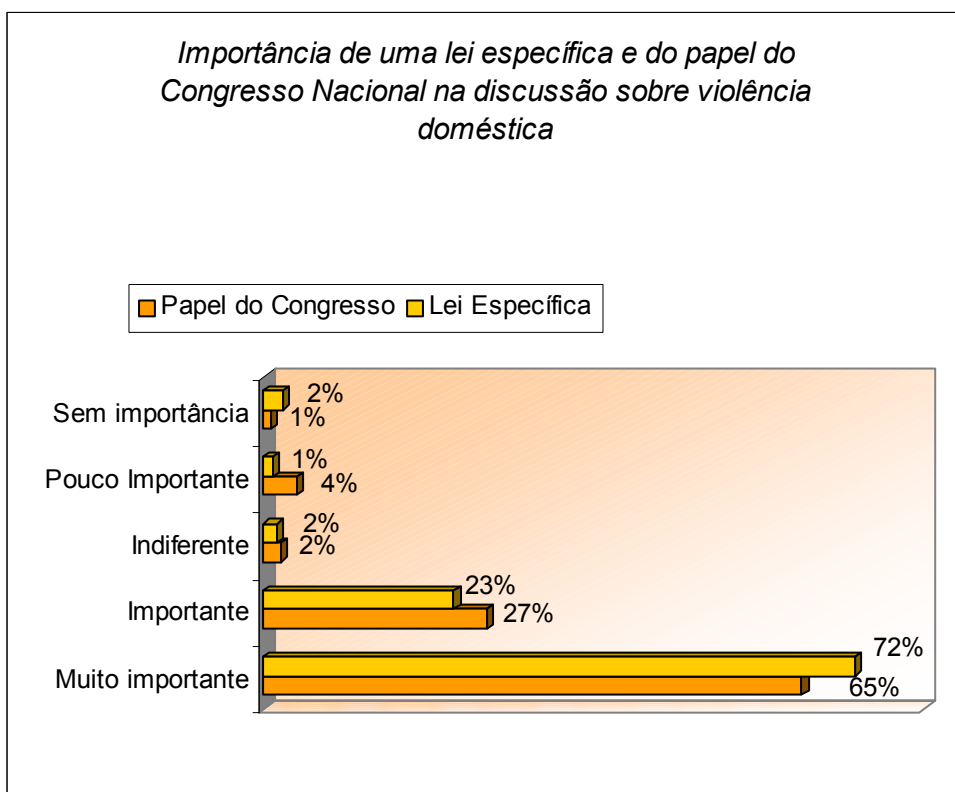
100% dos questionários foram filtrados após a realização das entrevistas.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A LEGISLAÇÃO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Embora 54% das entrevistadas achem que as leis brasileiras existentes já protegem as mulheres, mesmo que seja de forma parcial, a grande maioria das mulheres (95%) considera importante ou muito importante a criação de uma legislação específica para a proteção da mulher em nossa sociedade - algo como um Estatuto da Mulher.

92% das mulheres julgaram, ainda, que o Congresso Nacional tem papel de destaque nesta discussão, avaliando-o como importante ou muito importante.





Ao serem informadas sobre a alteração do Código Penal, aprovada pelo Congresso no ano passado, que prevê a pena de prisão para o agressor da mulher no ambiente doméstico, 97% das entrevistadas julgaram esta iniciativa como sendo importante ou muito importante.

Estes resultados mostram um grande consenso entre as mulheres brasileiras de que é preciso alguma intervenção do Estado neste assunto. As leis existentes já são algum avanço mas, ainda, é preciso avançar no arcabouço jurídico e consolidar um conjunto de normas que visem a proteção da mulher contra abusos e violências domésticas.

A QUESTÃO DO RESPEITO À MULHER NO BRASIL

É praticamente um consenso entre as mulheres entrevistadas de que quando se fala de respeito, a mulher não tem o mesmo status que o homem. Quando questionadas sobre o respeito de forma não comparativa, 43% das mulheres avaliam que o tratamento que recebem é de alguma forma respeitoso. No entanto, ao compararem o tratamento que recebem com o tratamento dispensado aos homens, 81% das mulheres afirmam que recebem um tratamento desigual.

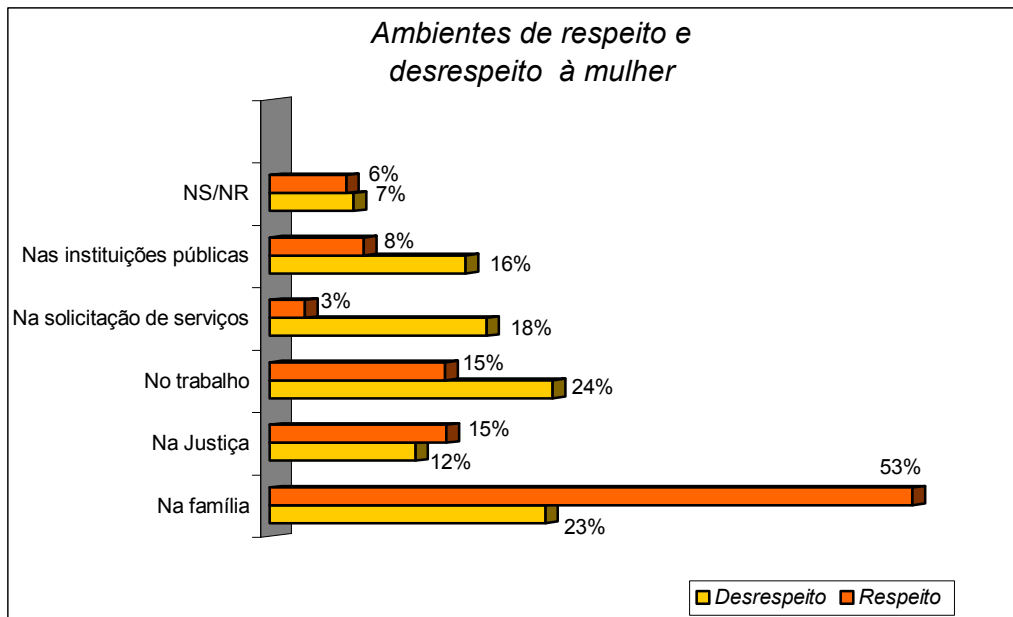
A senhora acha que, no Brasil, a mulher é tratada com respeito?		
	Frequência	%
Sim	66	8%
As vezes	287	35%
Não	458	56%
NS/NR	4	0%
<i>Total</i>	815	100%

**A senhora acha que as mulheres recebem o mesmo tratamento que os homens em nosso país?**

	Freqüência	%
Sim	45	6%
As vezes	99	12%
Não	662	81%
NS/NR	9	1%
<i>Total</i>	815	100%

- Num grupo de 100 mulheres, das regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, apenas 5 acreditam que recebem o mesmo tratamento que os homens no Brasil;
- Embora a maioria das entrevistadas ache que as mulheres não são tratadas com respeito, este índice se torna mais acentuado nas mulheres com mais de 50 anos (62%) e nas mulheres de até 19 anos (60%);
- 62% das mulheres com renda familiar de até 2 salários mínimos afirmam que a mulher no Brasil não é tratada com respeito;
- 54% das entrevistadas com pós-graduação acham que as mulheres são tratadas com respeito apenas em determinadas situações. Este índice cai para 29% quando se trata de mulheres com nível de ensino fundamental.

Em relação ao grupo social ou situações em que a mulher se sente mais respeitada e em quais ela se sente mais desrespeitada, percebe-se uma tendência de opinião mais concentrada na alternativa “família” como ambiente de respeito, com 53% das respostas. Já a alternativa do ambiente do desrespeito, as opiniões não são convergentes para uma única alternativa: 24% das entrevistadas sentem que a mulher não é respeitada em seu ambiente de trabalho e 23% identificam a família como principal local de desrespeito.



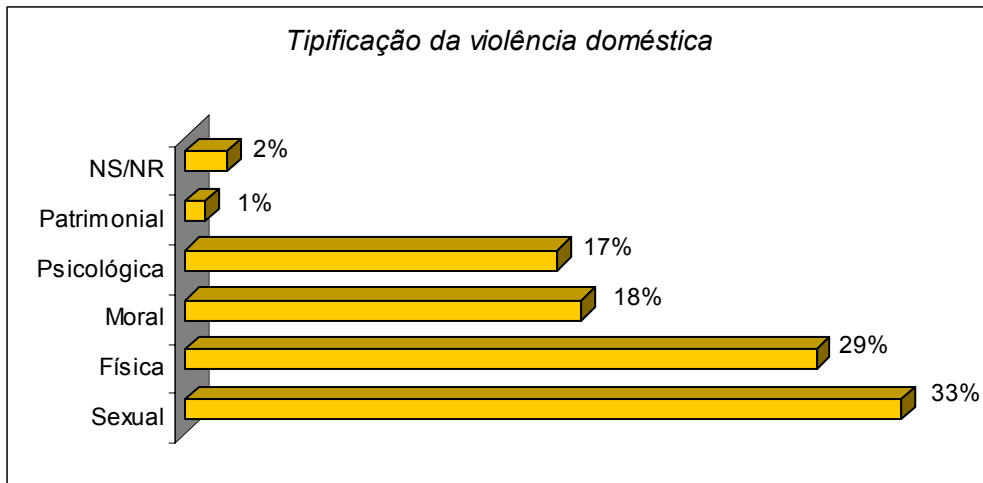
- As donas de casa são mais descrentes na Justiça como instituição que respeita a mulher do que as estudantes e as que trabalham fora de casa. Enquanto apenas 8% das donas de casa reconheceram que a Justiça brasileira respeita as mulheres, 17% das estudantes e das que trabalham fora de casa fizeram a mesma avaliação;
- Somente 3% das mulheres sentem-se respeitadas ao demandar serviços cotidianos, como consertar o carro ou providenciar reparos na casa;
- No sul do país, as mulheres sentem-se mais respeitadas pela família (60%) do que nos ambientes externos: apenas 6% das mulheres sulistas acham que são respeitadas pelas instituições públicas; 8% pela Justiça e 15% no ambiente de trabalho.
- O desrespeito na ambiente do trabalho é percebido de forma diferenciada de acordo com o grau de instrução: para 46% das entrevistadas, com pós-graduação, o mundo do trabalho não respeita as mulheres, já para as mulheres com apenas nível fundamental de instrução este índice cai para 23% e cai ainda para 21% para aquelas que possuem nível médio.



- Apesar do desrespeito ser uma sensação presente em todas as mulheres, regionalmente é possível identificar algumas variações: para 22% das mulheres do Norte, o maior desrespeito está localizado nas instituições públicas; para 24% das mulheres do Centro-Oeste, o desrespeito está associado à solicitação de serviços; e para 26% das mulheres do Sudeste, o local mais indicado é o ambiente de trabalho.

TIPIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Um terço das mulheres entrevistadas (33%) afirmaram que a violência sexual é a forma mais grave de violência doméstica, seguida pela violência física (29%). Mas é interessante notar a tipificação para violências mais sutis e que não deixam marcas aparentes como é o caso da violência moral (18%) e psicológica (17%).



Cerca de 40% das entrevistadas afirmaram já ter presenciado algum ato de violência contra outras mulheres, demonstrando que a prática da violência doméstica não é um fenômeno, necessariamente, escondido ou camuflado. Deste total, 80% das violências presenciadas foram violências físicas.

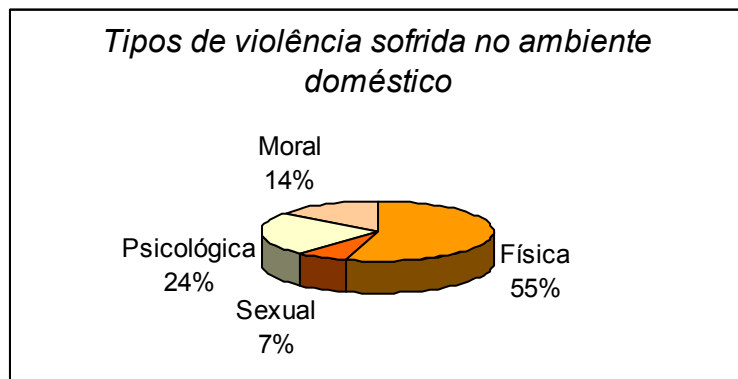
- A violência contra o patrimônio é percebida de forma mais intensa por mulheres com rendimento até 2 salários mínimos. Cerca de 60% das mulheres que afirmaram ser o abuso contra seus rendimentos uma das formas de violência doméstica encontram-se nesta faixa de renda.
- A violência física é mais grave para as mulheres que trabalham fora de casa (33%), enquanto que para as donas de casa o mais grave é a violência sexual (32%).
- Independente da faixa de renda, 4 em cada 10 mulheres já presenciaram ato de violência doméstica contra outra mulher.

CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

17% das mulheres entrevistadas declararam já ter sofrido algum tipo de violência doméstica em suas vidas. Deste total, mais da metade (55%) afirmaram ter sofrido violência física, seguida pela violência psicológica (24%), violência moral (14%) e, apenas, 7% relataram ter sofrido violência sexual.



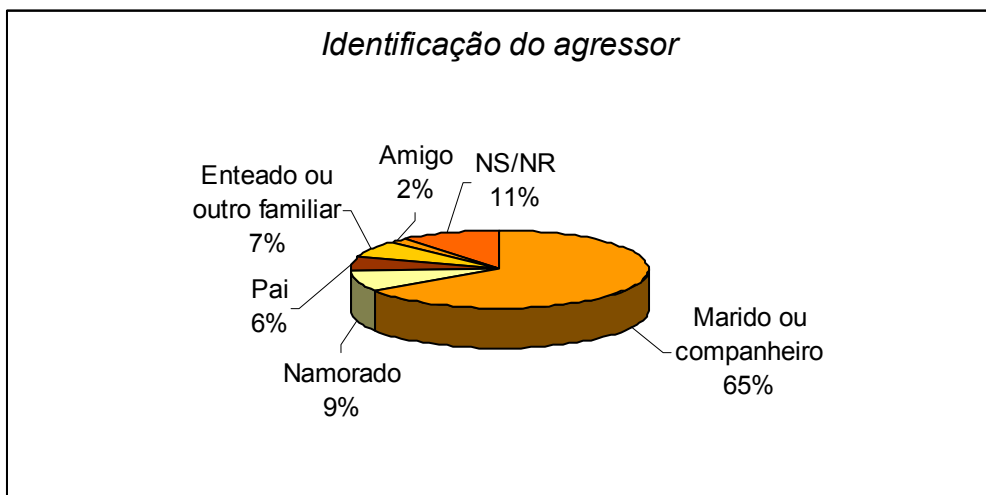
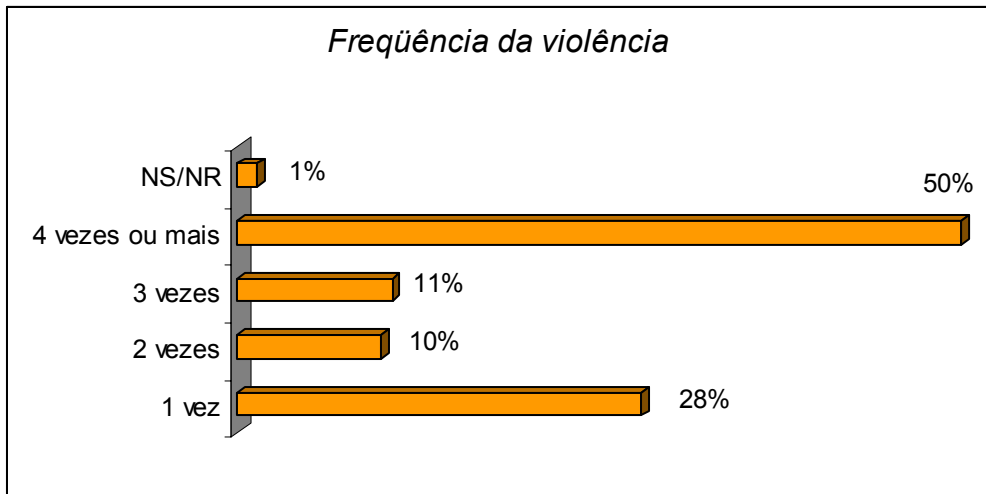
Os índices obtidos com esta pergunta podem sofrer variação para mais, pois é preciso considerar a gravidade do assunto e o fato da pesquisa ter sido aplicada por telefone, configurando um grau maior de impessoalidade e falta de conforto ao abordar algo tão delicado e sofrido para as mulheres já agredidas.



Em relação à frequência da violência doméstica, identificou-se que a grande maioria das mulheres agredidas (71%) já foram vítima da violência mais de uma vez, sendo que 50% foram vítima por 4 vezes ou mais. Este diagnóstico caracteriza a violência doméstica como uma prática de repetição, agravando, ainda mais, a situação das mulheres brasileiras.

A pesquisa identificou, também, que a exposição da mulher à violência no lar começa muito cedo. 77% das mulheres agredidas sofreram sua primeira violência até aos 29 anos. Com o passar dos anos, o início das agressões domésticas tendem a diminuir, 14% de 30 a 39 anos e 10% acima dos 40 anos.

O maior agressor das mulheres no ambiente doméstico é o marido ou companheiro, com 65% das respostas. Em seguida, o namorado passa a ser o potencial agressor, com 9% e o pai, com 6%.



Em relação à atitude da mulher após a agressão, 22% das entrevistadas responderam que foram procurar ajuda da família e 53% se dirigiram à delegacia, sendo que deste total, 22% procuraram especificamente a delegacia da mulher.

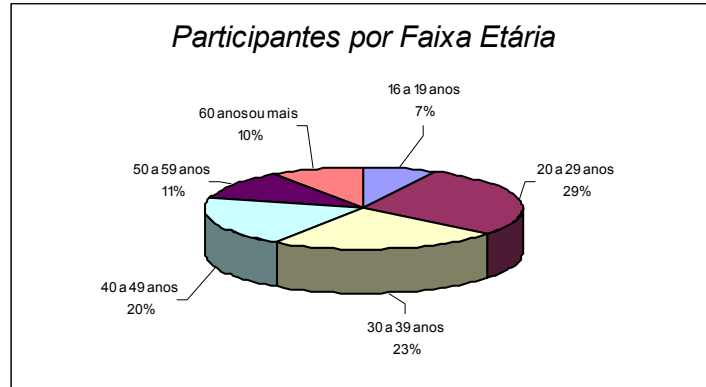
Das mulheres que foram à delegacia, 70% não tinham para onde voltar e, então, retornaram à própria casa. Este dado é preocupante, considerando que elas tiveram que enfrentar novamente o agressor após denunciá-lo à polícia.



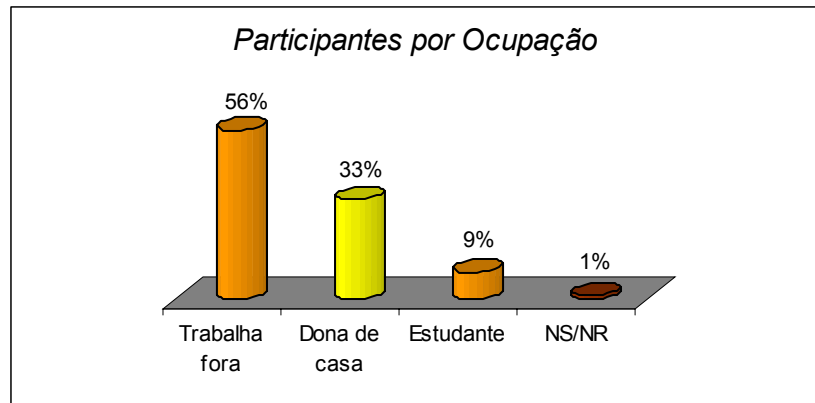
- Mulheres que declararam já ter sofrido algum tipo de violência doméstica: Região Sudeste (40%); Região Nordeste (27%), Região Norte (12%), Região Sul (10%); Região Centro-Oeste (9%).
- Das mulheres que apontaram o marido como o principal agressor, 39,8% são da região Sudeste e 26,5% são da região Nordeste.
- Quando perguntadas sobre quantas vezes foram vítimas de violência doméstica, 40% das mulheres da região Sudeste responderam que já haviam sofrido 4 vezes ou mais.

PERFIL DA AMOSTRA

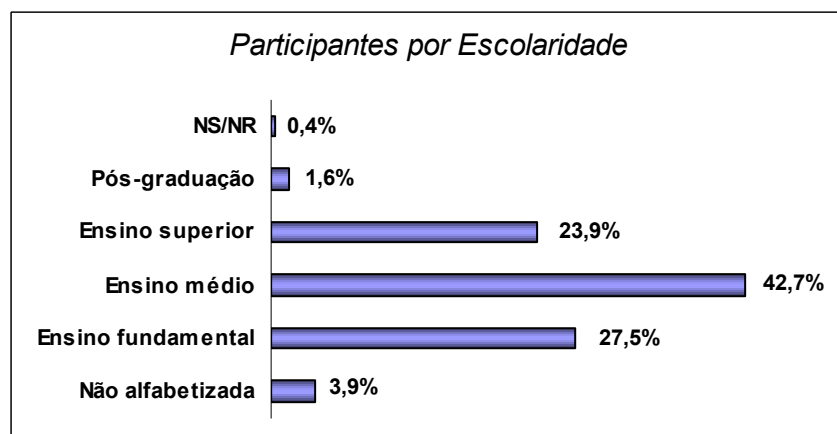
A faixa etária das mulheres entrevistadas foi de 29% com idade entre 20 e 29 anos; 23% entre 30 e 39 anos; 20% entre 40 e 49 anos; 11% entre 50 e 59 anos; 10% com 60 anos ou mais e 7% entre 16 e 19 anos.



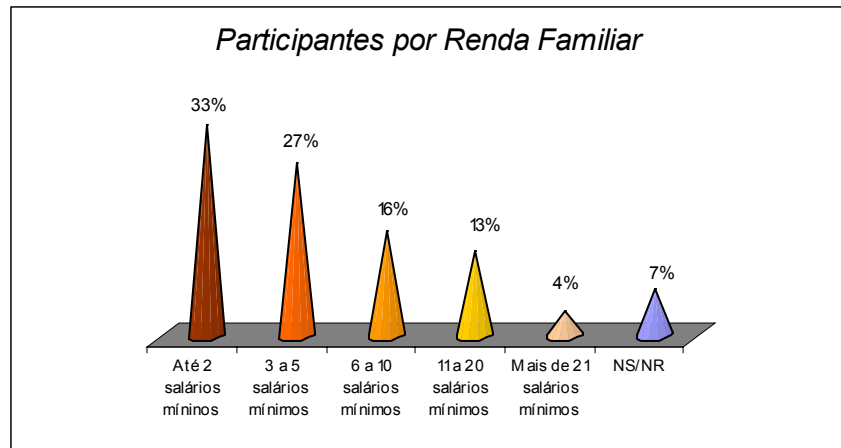
Com relação à ocupação, 56% trabalham fora, 33% são donas de casa e 9% são estudantes.



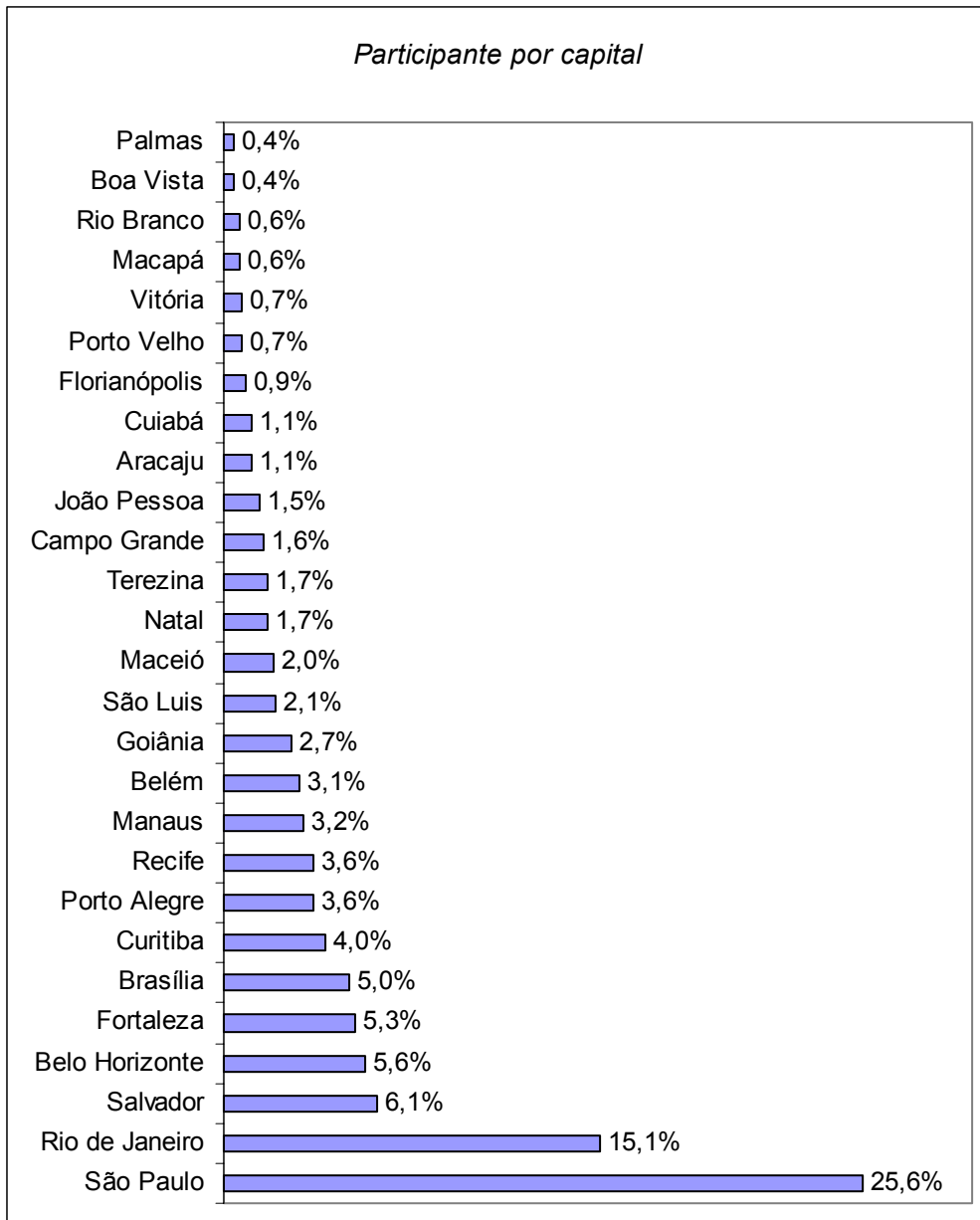
Relativamente à escolaridade, 42,7% tem o ensino médio, 27,5% o ensino fundamental, 23,9% o ensino superior, 3,9% não alfabetizada e 1,6% com pós-graduação.



A renda familiar, em salários mínimos, a amostra distribuiu-se em 33% com até 2, 27% entre 3 e 5, 16% entre 6 e 10, 13% entre 11 e 20 e 4% com mais de 21 salários mínimos.



O gráfico abaixo representa a distribuição da amostra por capital:



TABELAS GERAIS

P1. A senhora acha que, no Brasil, a mulher é tratada com respeito?

	Frequência	%
Sim	66	8%



As vezes	287	35%
Não	458	56%
NS/NR	4	0%
<i>Total</i>	815	100%

P2. A senhora acha que as mulheres recebem o mesmo tratamento que os homens em nosso país?

	Frequência	%
Sim	45	6%
As vezes	99	12%
Não	662	81%
NS/NR	9	1%
<i>Total</i>	815	100%

P3. Em qual grupo social a mulher é mais respeitada, na sua opinião?

	Frequência	%
Na família	436	53%
Na Justiça	120	15%
No trabalho	119	15%
Na solicitação de serviços	24	3%
Nas instituições públicas	64	8%
NS/NR	52	6%
<i>Total</i>	815	100%

P4. Para a senhora, as leis brasileiras protegem as mulheres contra abusos e violências domésticas?

	Frequência	%
Sim	208	26%
Em parte	227	28%
Não	368	45%
NS/NR	12	1%
<i>Total</i>	815	100%

P5. A senhora considera que a criação de uma lei específica para proteger a mulher é:

	Frequência	%
Muito importante	583	72%



Importante	188	23%
Indiferente	13	2%
Pouco Importante	9	1%
Sem importância	19	2%
NS/NR	3	0%
<i>Total</i>	815	100%

P6. O Senado aprovou, no ano passado, uma lei que estabelece a pena de prisão para quem praticar violência contra a mulher no ambiente doméstico. Na sua opinião esta lei é:

	Frequência	%
Muito importante	584	72%
Importante	204	25%
Indiferente	12	1%
Pouco Importante	7	1%
Sem importância	3	0%
NS/NR	5	1%
<i>Total</i>	815	100%

P7. Qual é o grau de importância desta discussão no Senado Federal?

	Frequência	%
Muito importante	531	65%
Importante	221	27%
Indiferente	17	2%
Pouco Importante	33	4%
Sem importância	8	1%
NS/NR	5	1%
<i>Total</i>	815	100%

P8. Em que ambiente a senhora considera que a mulher é mais desrespeitada?

	Frequência	%
No trabalho	192	24%
Na família	187	23%
Na solicitação de serviços	147	18%
Nas instituições públicas	133	16%
Na Justiça	99	12%
NS/NR	57	7%
<i>Total</i>	815	100%

P9. Dos tipos de violência doméstica, qual a senhora considera mais grave?

	Frequência	%
--	-------------------	----------



Sexual	268	33%
Física	236	29%
Moral	148	18%
Psicológica	139	17%
Patrimonial	8	1%
NS/NR	16	2%
<i>Total</i>	815	100%

P10. A senhora já presenciou algum ato de violência doméstica contra alguma mulher?

	Frequência	%
<i>Sim</i>	314	39%
Não	499	61%
NS/NR	2	0%
<i>Total</i>	815	100%

P11. Qual foi o tipo de violência?

	Frequência	%
Física	251	80%
Sexual	8	3%
Psicológica	28	9%
Moral	24	8%
NS/NR	3	1%
<i>Total</i>	314	100%

P12. A senhora já foi vítima de algum tipo de violência doméstica?

	Frequência	%
<i>Sim</i>	140	17%
Não	672	82%
Prefere não falar sobre o assunto	3	0%
<i>Total</i>	815	100%

P13. Qual foi o tipo de violência?

	Frequência	%
Física	75	54%
Sexual	10	7%
Psicológica	33	24%
Moral	20	14%
NS/NR	2	1%
<i>Total</i>	140	100%

P14. Quantas vezes a senhora foi vítima de violência?



	Frequência	%
1 vez	39	28%
2 vezes	14	10%
3 vezes	15	11%
4 vezes ou mais	70	50%
NS/NR	2	1%
<i>Total</i>	140	100%

P15. Qual era sua idade na primeira vez em que ocorreu a violência?

	Frequência	%
até 19 anos	53	38%
20 a 29 anos	54	39%
30 a 39 anos	19	14%
40 a 49 anos	11	8%
50 a 59 anos	1	1%
60 anos ou mais	2	1%
<i>Total</i>	140	100%

P16. Quem foi seu agressor?

	Frequência	%
Marido ou companheiro	92	66%
Namorado	12	9%
Pai	8	6%
Enteado ou outro familiar	10	7%
Amigo	3	2%
NS/NR	15	11%
<i>Total</i>	140	100%

P17. Qual foi sua atitude em relação à última agressão?

	Frequência	%
Procurou ajuda da família	31	22%
Procurou ajuda de amigos	9	6%
Procurou uma delegacia comum	22	16%
Procurou uma delegacia da mulher	31	22%
Silenciou	26	19%
NS/NR	21	15%
<i>Total</i>	140	100%

P18. Como foi o atendimento recebido na delegacia?

	Frequência	%
<i>Ótimo</i>	11	21%
Bom	16	30%
Regular	12	23%
Ruim	5	9%
Péssimo	9	17%
<i>Total</i>	53	100%

**P19. Após o atendimento na delegacia, a senhora:**

	Frequência	%
Foi para casa de amigos	2	4%
Foi para casa de familiares	12	23%
Foi para sua casa	37	70%
Instituição de proteção à mulher	2	4%
<i>Total</i>	53	100%

P20. Como foi o atendimento recebido na instituição para a qual a senhora foi encaminhada?

	Frequência	%
Bom	1	50%
Regular	1	50%
<i>Total</i>	2	100%

P21. Faixa etária:

	Frequência	%
16 a 19 anos	60	7%
20 a 29 anos	233	29%
30 a 39 anos	189	23%
40 a 49 anos	162	20%
50 a 59 anos	91	11%
60 anos ou mais	80	10%
<i>Total</i>	815	100%

P22. Escolaridade:

	Frequência	%
Não alfabetizada	32	4%
Ensino fundamental	224	27%
Ensino médio	348	43%
Ensino superior	195	24%
Pós-graduação	13	2%
NS/NR	3	0%
<i>Total</i>	815	100%

P23. Renda familiar:

	Frequência	%
Até 2 salários mínimos	266	33%
3 a 5 salários mínimos	218	27%
6 a 10 salários mínimos	133	16%
11 a 20 salários mínimos	107	13%
Mais de 21 salários mínimos	32	4%
NS/NR	59	7%
<i>Total</i>	815	100%

**P24. Ocupação:**

	Frequência	%
Trabalha fora	460	56%
Dona de casa	272	33%
Estudante	73	9%
NS/NR	10	1%
<i>Total</i>	815	100%

P25. Cidade:

	Frequência	%
Aracajú	9	1%
Belém	25	3%
Belo Horizonte	46	6%
Boa Vista	3	0%
Brasília	41	5%
Campo Grande	13	2%
Cuiabá	9	1%
Curitiba	33	4%
Florianópolis	7	1%
Fortaleza	43	5%
Goiânia	22	3%
João Pessoa	12	1%
Macapá	5	1%
Maceió	16	2%
Manaus	26	3%
Natal	14	2%
Palmas	3	0%
Porto Alegre	29	4%
Porto Velho	6	1%
Recife	29	4%
Rio Branco	5	1%
Rio de Janeiro	123	15%
Salvador	50	6%
São Luis	17	2%
São Paulo	209	26%
Terezina	14	2%
Vitória	6	1%
<i>Total</i>	815	100%



SENADO FEDERAL

SUBSECRETARIA DE PESQUISA E OPINIÃO PÚBLICA

Armando sobral Rollemberg

Diretor da Secretaria Especial de Comunicação Social

Ana Lucia Romero Novelli

Diretora da Subsecretaria de Pesquisa e Opinião Pública

Responsáveis Técnicos

Ana Lucia Romero Novelli

Diretora da SSEPOP

Cefas Gonçalves de Siqueira

Chefe do Serviço de Pesquisa de Opinião